

Integração A capacidade existe, os exemplos internacionais acumulam-se e o Governo até admite ir mais longe nas atribuições dos farmacêuticos. No entanto, os peritos dizem que é preciso partilha de registos clínicos e aval dos médicos

O que falta para alargar as funções das farmácias



Três em cada quatro portugueses confiam nos farmacêuticos e mais de metade procura-o primeiro perante sintomas ligeiros

Texto **FRANCISCO DE ALMEIDA FERNANDES**
Foto **NUNO BOTELHO**

Uma análise recente mostra que nos primeiros meses do ano o Serviço Nacional de Saúde (SNS) piorou a resposta aos doentes, com menos consultas e menos cirurgias em relação a 2024 e 2025. Com uma população envelhecida e a precisar de mais cuidados, a rede de farmácias é hoje o ponto de contacto de saúde mais próximo para 82% dos portugueses e realiza mais de 174 milhões de atendimentos por ano. Para muitos dos participantes no 15º Congresso das Farmácias estes números mostram que existe capacidade instalada que continua a não ser plenamente aproveitada pelo sistema de saúde.

FALTA OFICIALIZAR UNIÃO ENTRE MÉDICOS E FARMÁCIAS

Os farmacêuticos querem assumir um papel central na gestão de doen-

Expresso

anf

CONGRESSO DAS FARMÁCIAS

A proximidade entre as farmácias e a população foi um dos principais temas debatidos durante os três dias do 15º congresso organizado pela Associação Nacional das Farmácias, a que o Expresso se associou como *media partner*. Este projeto é apoiado por patrocinadores, sendo todo o conteúdo criado, editado e produzido pelo Expresso (ver código de conduta online), sem interferência externa.

tes crónicos e na prevenção e até servir como uma primeira triagem de referência para atendimento médico, mas há desafios a superar. “A integração ainda não está no terreno”, garante Xavier Barreto, presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares.

A resposta, diz, deve assentar numa lógica comunitária, que envolva hospitais, cuidados de saúde primários, municípios, doentes e farmácias. A ideia é partilhada pelo homem forte do SNS, Álvaro Almeida, que esclarece que a integração “tem de ser clínica”, embora reconheça que para isso é preciso criar duas condições: sistemas de informação que permitam a partilha de dados entre médicos e farmacêuticos e uma gestão do percurso dos doentes ao longo dos vários níveis de cuidados.

O tema da interoperabilidade, que mais não é do que colocar sistemas a falar uns com os outros, foi apontado como uma das principais barreiras. A possibilidade de os farmacêuticos acederem à informação clínica relevante e, ao mesmo tempo, registarem as intervenções realizadas é vista como indispensável.

FALTA APROVEITAR MAIS A REDE DE PROXIMIDADE

A discussão ganhou força com os resultados do “Estudo do Valor da Rede de Farmácias em Portugal”, coordenado por Pedro Brinca, da Nova SBE. “Há muitos atos que são praticados pelas farmácias que, de

outra maneira, seriam praticados no hospital”, afirma o economista, que aponta exemplos como a vacinação, a dispensa de medicamentos hospitalares em proximidade ou a orientação de situações clínicas ligeiras.

Aliás, o estudo mostra que é à farmácia a que mais de metade dos portugueses recorre primeiro perante sintomas ligeiros. Para Hélder Mota Filipe, bastonário da Ordem dos Farmacêuticos, estes dados reforçam a necessidade de avançar com novas respostas. A intervenção farmacêutica em situações clínicas ligeiras, através de protocolos previamente definidos, é um “exemplo claro” de uma medida que continua por implementar em Portugal e para a qual, defende, “não há razões técnicas para esperar mais tempo”.

A ministra da Saúde considerou no congresso que as farmácias comunitárias são hoje “parte indissociável do nosso sistema de saúde” e reconheceu que “evitam muitas idas desnecessárias” às urgências. Ana Paula Martins disse ainda que “é preciso ir mais longe” na integração destes espaços de saúde no sistema e prometeu a revisão do estatuto de alguns medicamentos de dispensa hospitalar.

FRASES DO CONGRESSO



“Preparar o sistema de saúde e o Serviço Nacional de Saúde para o século XXI exige transformações e mudanças”

Ana Paula Martins
Ministra da Saúde



“Qualquer mudança vai encontrar resistências.

Quando afeta o que cada um faz, há sempre reações”

Álvaro Almeida
Diretor executivo do SNS



“Não estamos em competição com os médicos, mas a trabalhar em parceria como parte do mesmo sistema de saúde”

Janet Morrison
Diretora da Community Pharmacy England

FALTA SEGUIR O EXEMPLO QUE VEM DE FORA

Janet Morrison, diretora-executiva da Community Pharmacy England, apresentou a evolução do programa Pharmacy First, que permite às farmácias britânicas (e também do Canadá) responder a um conjunto de situações clínicas ligeiras, encaminhando apenas os casos que exigem observação médica. Este tem sido, aliás, o modelo de referência para Portugal, que há vários anos discute a implementação no terreno, mas que a tem adiado por contestação dos médicos.

“Não devemos estar em competição. Devemos trabalhar em parceria como parte do mesmo sistema de cuidados primários”, esclarece Janet Morrison, que sublinha que uma maior intervenção das farmácias não implica substituir outros profissionais.

Perante a evidência já acumulada sobre o impacto destas medidas no acesso aos cuidados e na pressão sobre o SNS, Xavier Barreto acredita que cabe agora aos decisores políticos explicar “porque é que isto tem de avançar e não parar por causa de uma corporação”.

sociedade@expresso.imprensa.pt